

Conversar é continuar a ler: potencialidades em voo com as obras de Oliver Jeffers em ações literárias para (trans)ver o mundo

Talking is keep reading: potentialities in flight with the works of Oliver Jeffers in literary actions to (trans)see the world

Hablar es seguir leyendo: potencialidades en vuelo con las obras de Oliver Jeffers en acciones literarias para (trans)ver el mundo

Letícia Kondo¹

 <https://orcid.org/0000-0002-5665-2900>

Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto²

 <https://orcid.org/0000-0003-0620-4613>

Resumo: Participar ativamente do mundo exige posições e ações alteritárias de seus sujeitos constituintes e é papel fundamental da Educação Humanizadora formar pessoas capazes de assumir posições de fala integradas à defesa da vida e dos Direitos Humanos. Deste modo, o presente texto busca refletir acerca das potencialidades Humanizadoras presentes em ações literárias e dialogar com enunciados visuais e escritos presentes no livro *Here we are. Notes for living on Planet Earth*, do autor e ilustrador Oliver Jeffers. Assim, esse texto propõe-se a motivar formas de (trans)ver o mundo por meio dos caminhos da leitura literária.

Palavras-chave: Educação. Leitura. Humanização.

Abstract: Actively participating in the world requires alteritarian positions and actions from its constituent subjects and it is a fundamental role of Humanizing Education to form people capable of assuming speech positions integrated with the defense of life and Human Rights. In this way, this paper seeks to reflect on the Humanizing potentialities present in literary actions and to dialogue with visual and written statements present in the book *Here we are. Notes for living on Planet Earth*, by author and illustrator Oliver Jeffers. Thus, this paper aims to motivate ways of (trans)seeing the world through the paths of literary reading.

Keywords: Education. Reading. Humanization.

Resumen: Participar activamente en el mundo requiere posiciones y acciones alteritarias de sus sujetos constituyentes y es papel fundamental de la Educación Humanizadora formar personas capaces de asumir posiciones de discurso integradas con la defensa de la vida y los Derechos Humanos. De esta manera, este texto busca reflexionar sobre las potencialidades humanizadoras presentes en las acciones literarias y dialogar con enunciados visuales y escritos presentes en el libro *Here we are. Notes for living on Planet Earth*, del autor e

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós Graduação da Unesp Marília-SP. Professora de inglês na Rede Municipal de Marília-SP. E-mail: leticia.kondo@unesp.br

² Livre-docente em Leitura e Escrita pela Unesp Marília-SP. Integra o corpo docente da graduação em Pedagogia da Unesp Marília-SP. E-mail: cynthiaunespmarilia@gmail.com

ilustrador Oliver Jeffers. Así, este texto pretende motivar formas de (trans)ver el mundo a través de los caminos de la lectura literaria.

Palabras clave: Educación. Lectura. Humanización.

Iniciando a conversa

Cada um lê no texto a sua experiência, daí a vantagem da literatura, a de criar divergências de sentimentos, entendimentos e emoções. A palavra é para abrir portas, e não para pintar uma única paisagem (Queirós, 2019, p. 83).

A escola reduz as funções maiores do texto literário e o transforma em objeto de convergência, sem escrúpulo. Se o texto é usado para saber aonde o autor quis chegar, é melhor pegar o telefone e perguntar direto a ela (Queirós, 2019, p. 83).

O homem cria as diferentes formas de arte como uma tentativa de melhor compreender o mundo, logo, compreender a si mesmo. Os textos literários são projeções da vida humana e abrem passagem para o reino das possibilidades, isto é, dos sentidos conotativos. A ideia de denotação e conotação parece ser redundante para Bakhtin (2015), já que o significado dicionarizável é apenas um dos sentidos, socialmente ali apresentado, estabilizado. De acordo com o autor:

Todas as palavras exalam uma profissão, um gênero, uma corrente, um partido, uma determinada obra, uma determinada pessoa, uma geração, uma idade, um dia e uma hora. Cada palavra exala um contexto e os contextos em que leva sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções (p. 69).

Por meio da boa literatura somos capazes de experimentar sentimentos e vivenciar as grandes questões humanas – sonhos, medos, fantasias etc. – sem que precisemos, por exemplo, sair da cama. E, assim, vamos atribuindo sentidos a tais experiências abordadas nos livros, bem como ao conjunto de palavras utilizadas na literatura feitas em enunciados verbais ou visuais.

Além disso, tais sentidos, sempre provisórios, podem ainda se alargar nos momentos de partilha das leituras, na família ou fora dela; em comunidades leitoras; clube de leitura; saraus; conversação no trabalho; rodas literárias, dentre outras possibilidades. Apropriando-me das palavras de Bajour (2012), “Falar dos textos é voltar a lê-los.”, concebemos as conversas suscitadas em sala de aula sobre as leituras realizadas um momento fundamental para a formação de leitores e, acima disso, para a nossa formação humana: são voos possíveis como forma de (trans)ver o mundo. Desenvolver a capacidade de ouvir e respeitar opiniões diferentes sobre o mesmo texto nos proporciona enxergar outros pontos de vista, entrar nas histórias a partir de olhares distintos e percorrer caminhos que ampliem nossa visão, nos transformem: “Os fragmentos de sentido que originamos nesse encontro, quando entram em contato com os fragmentos de outros, podem gerar algo novo, algo a que talvez não chegaríamos na leitura solitária (Bajour, 2012, p. 24)”. Desta forma, a boa literatura nos possibilita

ampliar as reflexões sobre a condição humana de modo que, ao terminarmos o livro, já não podemos ser as mesmas pessoas do início da leitura.

O mesmo processo ocorre com os livros de literatura para crianças: ao explorarem o recurso das metáforas, trazem aos leitores assuntos difíceis de serem discutidos – como a morte e a separação – de forma mais leve e lúdica, incentivando os pequenos leitores a criarem conexões com o texto e as personagens e, portanto, encorajá-los a conversar sobre esses sentimentos. A ficção/metáfora prepara o caminho da criança para a aprendizagem, fazendo-as refletir sobre os sentimentos vividos pelos personagens e entrar em contato com suas próprias emoções: “Os textos literários nos tocam e nos questionam acerca de nossas visões sobre o mundo e nos convidam a perguntarmo-nos como viveríamos o que é representado nas ficções (Bajour, 2012, p. 26)”.

No entanto, nem todos os livros destinados ao público infantil estão comprometidos em ser um projeto emancipatório, capaz de ampliar os olhares e sentimentos, bem como, apresentar aos leitores a maneira como constituímos nossas relações com os Outros e com nós mesmos. Considerando tal aspecto, torna-se essencial que os professores agucem a criticidade a fim de fugir dos livros disfarçados de literatura, mas que de literário nada possuem. Livros cujo sentido consiste em transmitir uma mensagem única ao leitor, geralmente de “bom comportamento”, devem ser evitados.

Acerca disso, Montes (2020, p. 112-113) declara:

Certo é que também houve – e há – muitas histórias para crianças que escondem lições de bom comportamento, histórias que talvez finjam explorar, mas que, na realidade, jogam o jogo do poder, já que se dedicam a “insulflar” certezas e de modo algum dialogar com as incertezas. Essas histórias procuram mais domesticar o leitor – ou tutelá-lo – do que levá-lo para passear por lugares incertos, perigosos.

Considerando as imagens e ilustrações que constituem o repertório de mundo das crianças – sejam as encontradas nos materiais didáticos, nos vídeos infantis disponíveis na internet ou nos jogos –, é possível constatar o predomínio da prescrição e monologia. Tais imagens e ilustrações são incapazes de suscitar aprendizagem ou constituir enunciados, elas são, meramente, repetições estereotipadas e não preocupadas em apresentar a diversidade de vozes. Em contraponto a essas, existem livros de imagens e livros ilustrados comprometidos com a ampliação de visões de mundo das crianças, que buscam desafiá-las e, principalmente, trazem ilustrações polissêmicas, capazes de compor diferentes pontos de vista. Deste modo, a boa conversa literária capaz de permitir muitos voos endereçados a (trans)ver o mundo, precisa começar com a escolha adequada do material a ser levado para os pequenos.

Se desejamos que os alunos expressem opiniões/visões e se lancem ao mundo da contrapalavra, precisamos oportunizar momentos na escola da infância para isso: “Diante do texto literário, todo leitor tem o que dizer. Ao tomar da palavra, o leitor se faz mais sujeito, em vez de apenas sujeitar-se” (Queirós, 2019, p. 92). De nada adianta levar livros para a sala, ensinar as crianças a mobilizarem as estratégias de leitura, por exemplo, e pedir que preencham quadros âncoras das estratégias se não conseguirmos despertar nelas a necessidade da leitura literária, advinda notadamente de genuínas vivências com os livros de literatura infantil. Quanto mais oportunidades damos às crianças de manifestarem seus sentimentos e impressões acerca da leitura realizada, mais chances temos de enredá-las. As conversas literárias abrem possibilidades a esse caminho, geram relações dialógicas, proporcionam que os próprios alunos busquem pelas respostas aos seus questionamentos, ao invés de recorrer ao professor. Com relação a isso, o professor precisa ser o grande incentivador da circulação de vozes.

Nas primeiras experiências, por uma questão de costume perpassado na geração escolar, as crianças tenderão a direcionar seus questionamentos à figura do professor, vislumbrando-o como detentor do saber e possuidor da resposta correta. É neste momento que o jogo precisa ser invertido e o professor deve atuar com audácia, levando a própria criança, junto aos colegas de sala, a buscar por soluções, ainda que provisórias, às questões levantadas. A partir deste construir de sentidos os alunos se sentem valorizados e respeitados, como também, ao ouvir opiniões divergentes às suas, aprendem a aceitar e acolher o(s) Outro(s):

Escutar, assim como ler, tem que ver, porém, com a vontade e com a disposição para aceitar e apreciar a palavra dos outros em toda sua complexidade, isto é, não só naquilo que esperamos, que nos tranquiliza ou coincide com nossos sentidos, mas também o que de nossas interpretações ou visões de mundo. [...]. Escutar para reafirmar uma verdade que só olha a si mesma e espera a palavra do outro somente para enaltecer a própria palavra é antítese do diálogo [...]. Trata-se de um simulacro de escuta [...] (Bajour, 2012, p. 24).

Conforme ocorre com o ato de ler, as conversas sobre os livros nunca atingirão o esgotamento. O texto literário nos ajuda com algumas respostas, mas abre caminhos para o surgimento de novas perguntas. Enquanto houver leitores desejosos por troca, as conversas continuarão a existir, florescendo nos diversos terrenos:

O regresso aos textos por meio da conversa sempre traz algo novo. A princípio para quem fala, já que escuta enquanto diz a outros o que o texto suscitou em si e desse modo ensaia sua leitura como um músico quando lê uma partitura. Nesse ensaio, a pessoa muitas vezes se surpreende com os sons de sua própria interpretação. Pôr para fora, para outros, a música de nossa leitura pode nos revelar os realces que conferimos àquilo que lemos, as melodias que evocamos ou a percepção de sua ausência, os ruídos ou os silêncios que os textos nos despertam. Esses sons saem e se encontram com outros: os das partituras de outros leitores. Como em um ensaio

de orquestra, o texto cresce em acordes sonantes e dissonantes [...] (Bajour, 2012, p. 23).

Respaladas pelos enunciados acima, especialmente pela voz da queríssima argentina Cecília Bajour reiteramos parte do título deste capítulo: conversar é continuar a ler. Assim, propomos para que nós e você, caro leitor, nos coloquemos durante o próximo item em situação de conversa dialógica orquestrando novos acordes com uma das obras premiadas do autor e ilustrador Oliver Jeffers. Todavia antes disso, estejamos abertos a conhecer que é Oliver.

Continuando a conversação: trilhas para conhecer o autor-ilustrador

Quando alguém entra em um mundo imaginário (o de um quadro, um espetáculo, de um jogo ou brincadeira) quebra, de alguma forma – excepcional – o tempo real, sai de casa, por assim dizer, e vai explorar (Montes, 2020, p. 141).

Ao propor apresentar e analisar a obra *Here we are. Notes for living on planet Earth*, do autor e ilustrador Oliver Jeffers, lançamo-nos ao desafio da compreensão dialógica dos enunciados verbais e visuais, signos ideológicos, arquitetados e constituintes do projeto de dizer do autor.

Nesta tarefa qualquer leitor se constitui, assim, o Outro na vida do texto, uma espécie de interlocutor capaz de trazer vida à obra, fazendo-a renascer por meio de suas perguntas, inferências, conexões, visualizações, sumarizações e possíveis respostas alcançadas – sempre provisórias. Cotejando os enunciados presentes nos livros, isto é, revestindo a palavra do autor com a sua própria palavra, posso ser capaz de conceber o meu ato responsivo e responsável ao mundo: minha contrapalavra - no dizer bakhtiniano.

No decurso da composição de uma obra, o autor idealiza seus possíveis leitores, aqueles cujas vozes misturam-se às vozes do texto, e fazem eclodir um novo texto: “É um encontro de dois textos – do texto pronto e do texto a ser criado, que reage; conseqüentemente, é o encontro de dois sujeitos, de dois autores.” (Bakhtin, 2011, p. 311); a este Outro que se encontra com o texto pronto, Bakhtin (2011) refere-se como “segundo destinatário”. No entanto, o filósofo russo da linguagem vai além, apontando para a existência de um “terceiro destinatário”, em outras palavras, um “supradestinatário”. Este ultrapassa os limites espaço-temporais, incorrendo no “grande tempo”:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e

ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa na renovação. Questão do grande tempo (Bakhtin, 2011, p. 410).

Embora o termo escolhido por Bakhtin (2011) para se referir a este Outro, responsável pelo encontro de sua consciência com o texto provisoriamente finalizado, seja “destinatário”, assumimos a posição diante de nosso lugar de fala – embasadas por leituras e discussões nos grupos de pesquisas aos quais pertencemos³– e defendemos a troca de tal vocábulo pela expressão “Outro”. Mediante a situação de troca verbal, é inconcebível a existência de um sujeito que atue meramente como destinatário, isto é, aquele cuja função é reduzida a apenas receber as informações. Bakhtin e dois outros filósofos russos da linguagem integrantes do Círculo bakhtiniano – Volóchinov e Medviédev - sustentam a ideia de relações pautadas pela troca dialógica, logo, há a obrigatoriedade da existência de um Outro que se posicione e exerça a função de responder aquilo que lhe chega. Diante disso, podemos indicar o quanto Bakhtin (2011) também se refere a um “segundo Outro”, um “terceiro Outro” e um “supraOutro”, cuja consciência enunciativa se manifesta em contato dialógico com os textos, suscitando novos enunciados grávidos e ansiosos pelo ato responsivo.

Os bons livros literários carregam a mistura de vozes e dissolvem as fronteiras de sua época: adquirem novas significações, sujeitando-se, constantemente, a diferentes interpretações e pontos de vista. Este constante inacabamento da obra, motivador da heterogeneidade e heteroglossia⁴, é modelado pelas relações extraverbais, isto é, pelas relações subentendidas que compõe os enunciados: a propriedade extraverbal estabelecida entre os leitores e o texto assume caráter espaço-temporal, objeto e tema do enunciado e posição dos interlocutores diante dos acontecimentos. De fato, o leitor torna-se uma espécie de coautor do texto, fazendo-o ganhar vida a partir do contato, diálogo e aproximação com outro(s) texto(s) – vivências, leituras e bagagem de mundo trazidas pelo leitor -, originando uma nova obra, cujos signos alargarão a consciência do sujeito.

Certamente, durante a composição das obras, Oliver não as imaginou sendo lidas por nós, uma docente pesquisadora de uma universidade brasileira e uma professora de Língua Inglesa para crianças do Ensino Fundamental na cidade de Marília, nem, tampouco, que elas comporiam parte de uma dissertação em Educação e embasada, sobretudo, nos estudos da Filosofia da Linguagem dos russos, cuja pretensão foi analisar as possibilidades humanizadoras do trabalho com Literatura Infantil e

³ Grupo de pesquisa PROLEAO – Processos de leitura e escrita: apropriação e objetivação, sob a liderança do Professor Doutor Dagoberto Buim Arena da FFC, Unesp, Campus de Marília. GEGe_ Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso, sob a liderança do Professor Doutor Valdemir Miotello, aposentado da UFSCar – Universidade Federal de São Carlos.

⁴ Conceito atribuído à diversidade de linguagens, vozes sociais (BAKHTIN, 2015).

estratégias de leitura no ensino da Língua Inglesa com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental⁵. Contudo, concebo que talvez ele pudesse ficar surpreendentemente satisfeito com os rumos alcançados por seus textos visuais e escritos, com o diálogo ao qual nos propusemos a realizar com suas obras.

Desta forma, a exposição e reflexões acerca de um dos livros realizadas na pesquisa de mestrado refletem a voz de uma professora e pesquisadora inserida dentro de um contexto histórico-social específico e preocupada em oportunizar às crianças um processo de ensino-aprendizagem que supere questões meramente linguísticas – língua pela língua, palavras fora de contexto etc. – e alcance a linguagem, os enunciados vivos:

A língua, a palavra, são quase tudo na vida humana. Contudo, não se deve pensar que essa realidade sumamente multifacetada que tudo abrange possa ser objeto apenas de uma ciência - a linguística – e ser interpretada apenas por métodos linguísticos. O objetivo da linguística é apenas o material, apenas o meio de comunicação discursiva mas não a própria [...] [troca verbal], não o enunciado de verdade, nem as relações entre eles (dialógicas), nem as forma de comunicação, nem os gêneros do discurso (Bakhtin, 2011, p. 324).

Pensar sobre o caráter emancipador da Literatura consiste em enxergar as ricas oportunidades de portas e janelas sendo abertas ao mundo da diversidade, dos questionamentos, do encontro de vozes. Quando as crianças pegam um livro na mão para iniciar uma leitura, diversos aspectos podem deflagrar o ato de ler, como os elementos trazidos nos paratextos antes mesmo da narrativa ser iniciada pela primeira página do miolo da obra. Então, capa, contracapa, orelhas, guarda inicial e final, dentre outras informações adicionais, contidas por vezes nas páginas finais ou em encarte à parte, como em alguns livros artesanais, têm papel primordial na contextualização do escritor/ilustrador e obra. Cada um desses elementos, assim como os enunciados verbais e visuais, constituem parte do projeto de dizer do autor e, assim, assumem papel primordial para a compreensão do todo da obra: ater-se aos paratextos arquitetados pelo autor abre caminhos para novos sentidos da leitura, nos prepara para entrar na história e aciona conhecimentos prévios.

Termo criado por Gérard Genette em 1981, os paratextos compõem uma estrutura que envolve o texto, apresentando-o e atuando como porta de entrada. Eles propiciam e podem antecipar elementos do miolo do livro. Por isso afirma-se que

⁵ Trata-se de pesquisa de mestrado finalizada em 2022 com orientação da Professora Livre Docente Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto. KONDO, L. *literatura infantil, ensino da língua inglesa e estratégias de leitura: contribuições à humanização das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental*. PPGE, UNESP, Marília, 192 p.

[...] frequentemente os elementos paratextuais constituem parte da narrativa, seja comunicando informações essenciais para sua compreensão, seja contradizendo a narrativa principal, produzindo, assim, novas combinações. Desse modo, compõem a totalidade estética do livro ilustrado, interferindo na relação do leitor com a obra” (Almeida, 2016, p. 44-45).

Ao analisar, aqui uma das obras de Oliver, buscamos evidenciar, também, o lugar de importância que os paratextos exercem para o todo arquitetônico e composicional do projeto de dizer do autor-ilustrador. Deste modo, no decorrer da exposição acerca da obra escolhida, dissertamos, amparada em Linden (2011), sobre algumas das definições dos elementos paratextuais.

Conosco (no centro da roda de conversa): o autor

My dad raised me to believe that the surest sign of intelligence in another human being is curiosity and imagination. And so I go happily on. (JEFFERS, 2018, p. 218) - Meu pai me criou acreditando que o sinal mais claro de inteligência em outro ser humano é a curiosidade e a imaginação. E então eu sigo feliz com minha vida⁶.

FIGURA 1 – Foto de Oliver Jeffers.



Fonte: Instagram “oliverjeffers”.

Ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência, a consciência do outro e seu mundo, isto é, outro sujeito (“Du”). Na explicação existe apenas uma consciência, um sujeito; na compreensão, duas consciências, dois sujeitos. [...]. Em certa medida, a compreensão é sempre dialógica (Bakhtin, 2011, p. 316).

⁶ Tradução nossa.

Impelidas pelas palavras de Bakhtin e desejosas por compreender o contexto no qual Jeffers cresceu, sua formação escolar e acadêmica, bem como o início de sua carreira, fomos em busca de informações que pudessem agregar significações às suas obras e, portanto, ampliar nosso olhar em relação a elas. Apesar das poucas fontes de consulta disponíveis – grande parte obtidas em seu website oficial e no livro monográfico de sua autoria, publicado em 2018, intitulado *Oliver Jeffers: the working mind and drawing hand*⁷- os conteúdos obtidos foram essenciais para alargar nosso ponto de vista em relação aos seus textos.

Oliver Jeffers nasceu em 1977 na cidade de Belfast – capital da Irlanda do Norte. Sua infância foi marcada por acontecimentos políticos e religiosos bastante perturbadores, nos quais as cenas de lutas e violência se prolongaram por anos no país e impactaram em sua forma de olhar as pessoas e o mundo.

Ao considerar o enunciado “The way in which you are brought up has a profound effect on who you become, and where we are brought up dramatically shapes the method of your raising.” (Jeffers, 2018, p. 21) – A maneira como você é educado tem um efeito profundo em quem você se torna, e onde somos criados influencia dramaticamente o método de nossa criação.⁸- o autor evidencia o papel fundamental de seus pais em sua formação, já que, desde cedo, estes se preocuparam em oferecer a Oliver e seus irmãos uma boa educação e os encorajaram a nutrir a curiosidade sobre as questões do mundo, embora o contexto político e religioso enfrentado em seu país impulsionasse ao oposto.

Jeffers descobriu ainda em sua pré-adolescência seu talento para os desenhos, tendo sido convidado a fazer pinturas em cenários para as peças teatrais da escola, mochilas e skates de amigos. Os desenhos se tornaram uma fuga e escudo de defesa para falta de amor e respeito da qual assistia acontecer em seu país:

We all, quite, quickly, learned to grow a thick skin and a quick mind. I learned to talk my way out of trouble and to charm myself into it. I learned early on that I also had an additional arrow in my quiver: I could draw well.” (Jeffers, 2018, p. 21) - Todos nós, muito rapidamente, aprendemos a desenvolver uma pele grossa e uma mente rápida. Aprendi a evitar os problemas e me encantar com eles. Aprendi desde cedo que também tinha uma flecha adicional em minha aljava: sabia desenhar bem⁹.

⁷ Oliver Jeffers: mente criativa e mão desenhista – tradução nossa. Livro dedicado a oferecer aos leitores uma história pessoal de como o autor voltou-se para desenvolver sua arte, seu estilo, seu amor por narrar histórias, abrindo uma janela íntima quanto ao processo criativo de seus livros ilustrados e as obras de belas-artes.

⁸ Tradução nossa.

⁹ Tradução nossa.

Seu primeiro contato com a cidade de Nova Iorque, lugar no qual reside atualmente, deu-se aos onze anos de idade, graças a um programa de bolsa de estudos. Aos vinte anos, Oliver retorna à Nova Iorque junto de seu irmão mais velho – Rory, e, neste momento, toma consciência de que a cidade era o lugar ideal para iniciar uma nova jornada. Aos trinta anos, Jeffers consegue, de fato, mudar-se para o Brooklyn e dedicar-se à ilustração.

Diplomado em Ilustração e Comunicação Visual pela Universidade de Ulster, enredado pela cartografia, o pintor, autor e ilustrador de livros infantis, possui vinte e uma obras ilustradas traduzidas em quarenta e duas línguas. Seus livros contam histórias por meio de enunciados verbais e visuais e cativam o público de diversas idades.

How to Catch a Star (Como Pegar uma Estrela), livro inaugural do autor e publicado em 2004, é resultado do projeto final de Oliver desenvolvido e apresentado para conclusão de curso na Universidade. A história de um garotinho que amava as estrelas e, um dia, decide ir apanhar uma delas rendeu-lhe o prêmio Livro do Ano da CBI e resultou em outras duas histórias com o mesmo protagonista: *Lost and Found* e *Up and Down (Achados e Perdidos e Alto e Baixo)*.

Jeffers, como poderemos observar a seguir, na análise da obra escolhida para compor este capítulo, não somente cria narrativas, mas imagina suas histórias verossímeis, dando vida a elas, comunicando-se com diversos leitores por meio de ilustrações cativantes e narrativas visuais e verbais abrangentes. Cria condições, deste modo, para o alargamento de consciência de seus possíveis pequenos e grandes leitores.

Voar para para (trans)ver o mundo com Oliver Jeffers: em foco a obra *Here We Are. Notes for living on planet Earth*

FIGURA 2 – Capa e quarta capa do livro *Here We Are. Notes for living on planet Earth*.



Fonte: Jeffers, 2017.

Here We Are started as guidebook written for my newborn son, but become a way of reminding myself of the basic principles of humanity. My editor only half jokingly said it was for “new babies, new parents, and misplaced adults”. (Jeffers, 2018, p. 194) - *Here We Are* começou como um livro guia escrito para meu filho recém-nascido, mas tornou-se uma forma de me lembrar dos princípios básicos da humanidade. Meu editor meio que brincando disse que era para “novos bebês, novos pais e adultos perdidos”¹⁰.

O livro foi publicado pela Editora Philomel & HarperCollins (Nova Iorque), em 2017, no formato vertical de 28 cm por 24 cm. A maior parte da obra é constituída por páginas duplas, ou seja, a leitura predominante deve ocorrer com o livro aberto, assim, nesta posição, chega a uma extensão de 48 cm da ponta de uma página a outra, sendo necessário segurá-lo pelas duas mãos ou apoiá-lo aos joelhos para uma leitura confortável. O livro possui 46 páginas no total, das quais 38 compõem a parte interna.

Nas outras páginas encontramos os paratextos: as guardas inicial e final, a folha de dedicatória, a folha de rosto, página com duas citações – uma da astronauta e especialista em física Dra. Sally Ride, a outra do pai de Oliver – e ficha catalográfica. Nas orelhas, recebemos breves informações acerca da biografia do autor/ilustrador, uma lista com o nome de outras de suas obras e algumas notas escritas pela editora responsável. O livro não se encontra enumerado, com o intuito de facilitar a compreensão e análise, farei a enumeração utilizando como referência a guarda inicial, sendo essa a primeira página. *Here We Are: notes for living on planet Earth* ficou em primeiro lugar na lista de livros mais vendidos pela NY Times e, também, recebeu a primeira colocação de livros de 2017 da TIME.

O texto verbal presente na capa, figura 10, traz o título da obra e o nome do autor; o texto visual é composto pela imagem do planeta Terra disposto nos diferentes tons de azul do Universo e rodeado por estrelas. A presença humana aparece por meio das invenções criadas pelo homem – foguete, satélite e avião – que se movimentam em volta do planeta e, também, das luzes acesas, indicando a presença de casas nos diferentes lugares (países). Porém, Oliver vai além e caracteriza/personifica o próprio planeta Terra em ser vivo, dando-lhe traços humanos: olhos e boca.

O cosmos reaparece na contracapa figura 10. Neste momento, a Terra encontra-se acompanhada pela Lua, duas flechas vermelhas são postas com o intuito de direcionar os enunciados verbais, o primeiro, “All the people live here” (Todas as pessoas vivem aqui), aponta para o nosso planeta; o segundo, com certo humor, expressa “No one lives here (...yet!)” (Ninguém vive aqui [...ainda!]), referindo-se à Lua.

¹⁰ Tradução nossa.

Recorremos à definição de Linden (2011, p. 57):

A capa de um livro é constituída pela primeira e pela quarta capas. Elas podem ser independentes, mas também podem se relacionar formando uma única imagem, separada pela lombada em dois espaços distintos. Muitas capas, em especial quando se trata de uma representação de paisagem, formam um conjunto homogêneo. Essa unidade será mais ou menos fácil de identificar, pois em geral as duas faces apresentam composições autônomas. O editor pode reservar esse espaço para, como é o caso de romances, inscrever um texto de quarta capa que permita evocar pistas de leitura, apresentar o autor ou o ilustrador. Esse espaço comporta, além disso, inscrições legais obrigatórias: número de ISBN, código de barras etc. Às vezes, o editor dá liberdade ao criador para que insira dentro de um conjunto expressivo ou apenas lúdico.

Deste modo, a composição arquitetada pelos três elementos juntos – primeira capa, quarta capa e título – oferecem pistas ao leitor, que segura nas mãos o livro ainda fechado, acerca da narrativa a ser encontrada. Possíveis questionamentos, conhecimentos anteriores, conexões e inferências são motivadas:

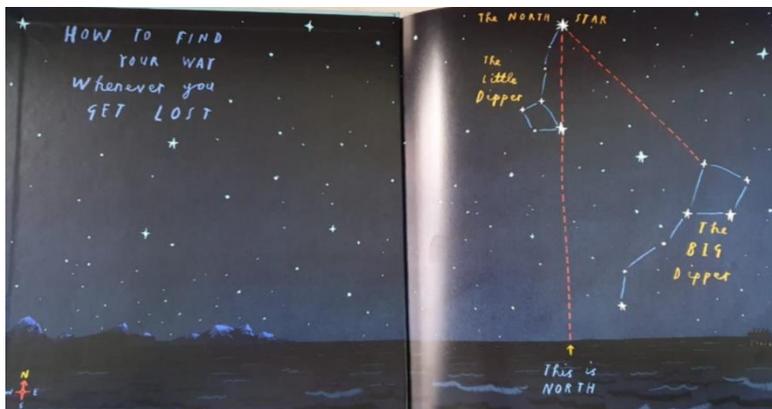
Seria um livro instrucional sobre como cuidar bem do planeta Terra?

Seria uma história que data as grandes invenções humanas?

A história seria baseada em estudos sobre a astronomia?

O leitor, cativado pelos sentimentos suscitados, não tem outra opção, abre o livro em busca de respostas e novos questionamentos. A guarda inicial, disposta em página dupla, ilustra o conhecimento utilizado por antigos marinheiros, antes das invenções tecnológicas, para descobrir qual direção seguir: a orientação pelas estrelas. Ao lado esquerdo da página, encontramos no canto superior o enunciado verbal “How to find your way whenever you get lost” (Como se orientar sempre que estiver perdido), mais abaixo, a ilustração dos pontos cardeais – norte, sul, leste e oeste – com a flecha direcionada ao norte. Ao lado direito da página, descobrimos como nos localizarmos por meio da ilustração composta pela “Estrela Maior” e constelações “Ursa Menor” e “Ursa maior”.

FIGURA 3 – Guarda inicial do livro *Here We Are. Notes for living on planet Earth*.



Fonte: Jeffers, 2017.

Segundo Linden (2011, p. 59):

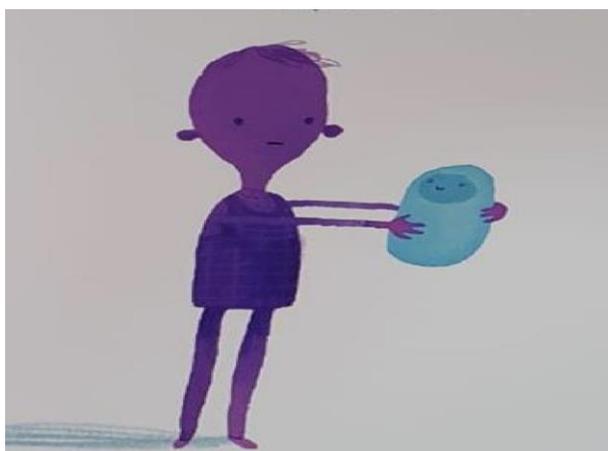
No livro ilustrado, as guardas são em geral coloridas. Isso para conduzir o leitor a uma certa disposição de espírito. Na relação com o livro, trata-se de um momento importante, o da abertura em duas acepções: de um objeto de duas dimensões passando para uma terceira, e abertura do assunto. Daí vem o uso recorrente de cores escuras ou em contraste com a capa.

Logo, os elementos presentes na guarda inicial fortalecem a ideia de adentrarmos na leitura de um livro relacionado aos estudos astronômicos. Na página seguinte, Oliver compõe um preâmbulo dedicando o livro ao seu filho Harland (Tom my son, Harland. This book was written in the first two months of your life as I tried to make sense of it all for you. These are the things I think you need to know. – Para meu filho, Harland. Escrevi este livro nos seus primeiros dois meses de vida, enquanto eu tentava fazer o mundo significar para você. Estas são as coisas que eu acho que você precisa saber.) e, abaixo, Jeffers dialoga com o autor James Matthew Barrie – criador de Peter Pan – citando “Shall we make a new rule of life from Tonight: always to try to be a little kinder than is necessary?” (Que tal estabelecermos uma nova regra de vida a partir desta noite: tentar ser sempre um pouco mais gentil do que o necessário?).

A folha de rosto, página 4, parece conversar com a dedicatória. Ao introduzir um novo elemento, a própria figura humana (um homem, com a fisionomia um pouco assustada, segurando um bebê pelas mãos e esse a lhe olhar), inferimos que eles possam ser Oliver e seu filho Harland. Assim, a narrativa ganha outro caminho possível: contar ao bebê como nossa vida no planeta Terra funciona.

Logo, somos convidados a seguir e, na condição de filhos carregados pelos braços do pai, assim como no livro bíblico de Gênesis, enxergar o mundo através dos olhos do criador/autor.

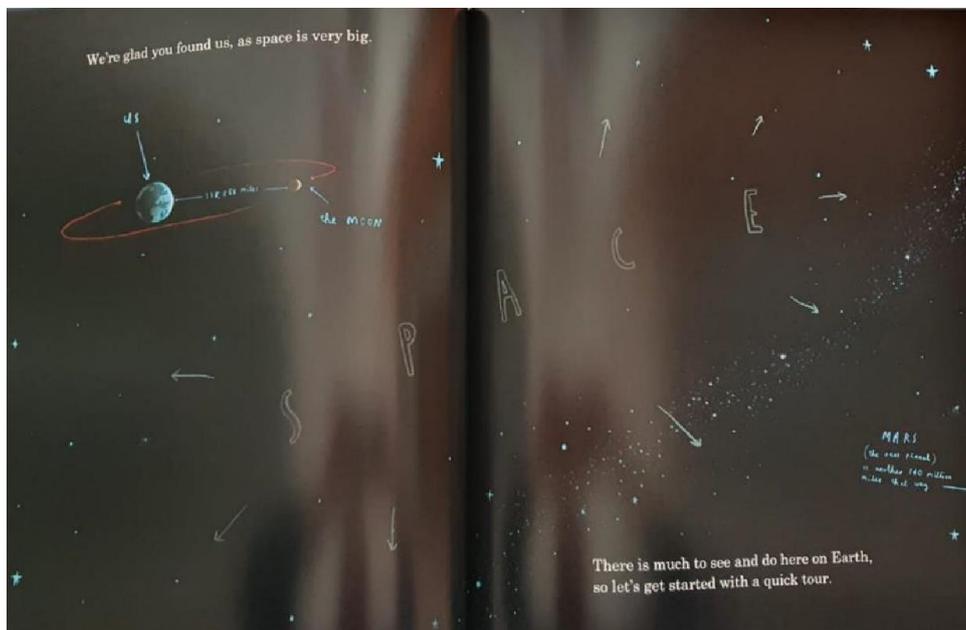
FIGURA 4 – Página do livro *Here we are. Notes for living on Planet Earth*.



Fonte: Jeffers, 2017.

O conjunto de páginas duplas 5/6, 7/8 e 9/10 fazem referência à constituição do Sistema Solar e a localização do nosso planeta no espaço sideral. Os enunciados visuais e escritos que compõe as páginas 9 e 10 evidenciam a grandiosidade do Universo, bem como destacam o quão distantes nós, enquanto habitantes do planeta Terra, estamos de qualquer outra presença: o autor faz questão de evidenciar em números exatos a distância entre a Terra e o objeto mais próximo a nós, a Lua. Assim, ao dispor a palavra “SPACE” nas páginas, o autor consegue estabelecer o jogo de dupla referência, ambiguidade, no qual o termo pode denominar o espaço sideral, mas também se refere à incrível extensão do Universo: espaço que nos separa a milhares e milhares de quilômetros de qualquer outro satélite ou planeta.

FIGURA 5 - Página do livro *Here we are. Notes for living on Planet Earth.*



Fonte: Jeffers, 2017.

Tendo elencado os aspectos importantes do cosmos, o narrador nos convida a fixar o olhar sobre o nosso planeta, apontando para sua composição formativa de água e terra, e nos oferece enunciados visuais e escritos a respeito de suas características peculiares, ou seja, o que conhecemos desses até o momento (páginas 11, 12, 13 e 14). As páginas 15 e 16 – página dupla – oferecem um panorama do céu. O narrador anuncia por meio do texto verbal a complexidade de informações acerca desse (There is also the sky. Though that can get pretty complicated... – E também tem o céu. Mas essa parte pode ser bem complicada...) e, desta forma, a disposição de diferentes enunciados deixam

nossos olhos confusos, sem saber sobre qual ponto se fixar, o que ler primeiro e qual a sequência correta para a leitura.

FIGURA 6 - Página do livro *Here we are. Notes for living on Planet Earth*.



Fonte: Jeffers, 2017.

Ao prosseguirmos, nos deparamos com as imagens daqueles que habitam o planeta: nós, os seres humanos, e a diversidade de outros animais terrestres, aquáticos e voadores. Jeffers (2017), primeiramente, retrata os aspectos biológicos da nossa espécie (formação do corpo humano – partes internas e externas – e destaca duas de nossas necessidades básicas: comer e se manter aquecido).

Após esse momento introdutório e direcionado aos aspectos biológicos, somos conduzidos a pensar acerca de questões mais profundas, como a nossa formação social, como um dos momentos marcantes da narrativa: a riqueza dos enunciados visuais acompanhados pelos enunciados escritos destaca as diferentes raças, culturas, crenças, gostos pessoais e estilos de vida encontrados na humanidade. Oliver nos convida a parar durante alguns instantes para enxergarmos o quanto nós, humanos, pertencentes a uma mesma espécie, podemos nos tornar completamente diferentes uns dos outros: o lugar onde nascemos, a cultura de nosso país e as escolhas feitas (como pertencer a certa comunidade religiosa, comunidade que adota determinado estilo de vida etc.) afetam a forma na qual olhamos e significamos o mundo. É a partir do contato e troca com o(s) Outro(s) que nos constituímos:

A carne do corpo biológico precisa de “encarnamento” cultural. Precisa de alteridade para se identificar. Precisa de outras consciências para ser. Precisa do embate de perspectivas e olhares diferentes para se promover como consciência. Precisa de dialogia. Precisa de polifonia. Precisa de heteroglossia. Precisa de excedente de visão (Oliveira, 2014, p. 95).

Há, no entanto, pessoas de olhares reducionistas, essas tendem a desvalorizar e, em atos extremistas, buscam eliminar aqueles a elas considerados “diferentes” (lembramos com pavor do massacre liderado por Hitler). Deste modo, a reflexão promovida pela leitura destas duas páginas, e que Oliver tenta deixar ao seu filho, baseia-se no amor e respeito para com o próximo: enxergar a diversidade de vozes, o heterogêneo, as particularidades de cada um como chances infinitas de troca, de alterar e ser alterado – o Outro “me penetra e quando eu falo, não falo mais apenas eu, mas o eu alterado pelo outro. Ao mesmo tempo em que eu sou modificado pelo outro, também eu o modifico [...]” (Gomes, 2014, p. 14).

FIGURA 7 - Página do livro *Here we are. Notes for living on Planet Earth*.



Fonte: Jeffers, 2017.

Após a grandiosidade de enunciados fomentados, somos encorajados a virar as páginas e, assim, nos deparamos com uma proposta ilustrativa semelhante à das páginas anteriores, 19 e 20, porém, neste momento, nossos olhos se encantam com as espécies de animais aquáticos, terrestres e voadores. A diversidade de tamanhos, formatos e o colorido desses recebem lugar de destaque na cena e a intenção torna-se ampliar a perspectiva acerca do respeito e amor aos seres vivos habitantes do planeta Terra.

O enunciado verbal “They can’t speak, though that’s no reason not to be nice to them.” (“Eles não podem falar, mas não existem motivos para não sermos amáveis com eles.”) cria uma conexão com as próximas páginas, 22 e 23.

Remetendo-se ao verbo de ação “to speak” – falar –, o autor particulariza tal capacidade como exclusiva dos seres humanos, assim, embora o pequeno bebê ainda não consiga se comunicar por meio de palavras, o pai lhe garante que isso acontecerá em breve (“You may not be able to speak yet either, even though your head is filled with questions. Be patient, you’ll learn how to use words soon enough.” – “Você ainda não é capaz de falar, apesar de sua cabeça estar cheia de perguntas. Seja paciente, logo você vai aprender a usar as palavras.”). A ilustração estabelece uma conexão com tais enunciados e expõe, de forma bastante criativa, os signos que estão se formando na mente/consciência do bebê, esses vão desde objetos de seu cotidiano – como mamadeira, urso de pelúcia etc. – até conceitos e abstrações apresentadas há pouco pela figura paterna.

As próximas referências ensinadas ao pequeno são os conceitos de dia e noite, para tanto, as páginas 24 e 25 estabelecem uma ruptura em sua disposição quando comparada às anteriores: com o intuito de evidenciar o contraste entre dia-noite, o autor corta horizontalmente a página dupla. Na parte superior, os raios de sol iluminam a cena e as pessoas, tornando-as amarelas e radiantes como ele. Assim, para representar a dinamicidade do dia, Oliver posiciona em um mesmo quadrante diferentes atividades sendo exercidas: crianças brincando, famílias em passeio, pessoas exercendo seus trabalhos ou indo trabalhar etc. – em cada um dos personagens conseguimos identificar traços de movimentação, produzindo, portanto, o efeito desejado. No quadrante inferior, as cenas e personagens recebem tons de azul, é noite, tudo está tranquilo: pai, mãe e animais de estimação dormem banhados pela luz do luar, essa – a lua – é a única que se destaca na escuridão da noite.

Quanto a escolha do autor/ilustrador pelas cores utilizadas nas cenas – como também, na obra em sua totalidade -, podemos considerar:

Para selecionar apropriadamente as cores que serão usadas, precisamos levar em conta tanto aspectos objetivos quanto subjetivos da narrativa. Dos objetivos podemos citar o tempo e o clima em que a ação transcorre (dia ou noite, quente ou frio, chuvoso ou ensolarado). Os aspectos subjetivos, geralmente menos explícitos, incluem, entre outros: se a narrativa é tensa ou tranquila, se tem um ritmo rápido ou lento, se tem humor etc.; as cores estão inseridas no texto e o ilustrador deve ser um leitor sensível para buscá-las (Biazetto, 2008, p. 80).

Após o contraste entre dia e noite ser destacado, a noção de tempo é introduzida logo a seguir: as páginas duplas 26-27 e 28-29 sugerem o contraste entre rápido e devagar. Enquanto nas duas

primeiras experienciamos a calma e leveza da vida no campo e do contato com a natureza, ao virarmos a folha, somos empurrados pela agitação da vida na cidade.

FIGURA 8 - Página do livro *Here we are. Notes for living on Planet Earth*.



Fonte: Jeffers, 2017.

Na figura 8, a predominância das cores verdes na grama e dos tons de azul e lilás no céu oferecem uma experiência de continuidade aos olhos, não há uma ruptura abrupta entre eles: os planos terra e céu parecem se misturar e formar um só. Tal experiência, agregada aos elementos da natureza (pássaros, borboletas, frutos, o riacho que corre lentamente e carrega os barcos de papel etc.), contribui para a sensação de leveza que se estende nas ações humanas. As pessoas em cena são ilustradas com os olhos fechados ou com o olhar voltado para baixo – olhos fixos no livro e nos barquinhos de papel que navegam lentamente –, logo, o não estar com os olhos abertos (estado de alerta) sugere a paz interior de quem aprecia internamente o momento vivido. Tais momentos em nossas vidas parecem se alongar e não ter pressa em passar: “Things can sometimes move slowly here on Earth.” (“Às vezes, as coisas podem se mover devagarzinho aqui na Terra”).

Já nas páginas seguintes há o acúmulo de elementos cortando e rompendo horizontalmente e verticalmente os planos céu e terra que só aparecem timidamente por trás de prédios, carros, motos, navios, barcos, ponte, helicóptero, aviões, trens, fumaça etc. Assim como na figura 18, Oliver utiliza a técnica de ilustrar as pessoas realizando atividades, logo, elas também fazem referência ao agito da vida na cidade, no qual nada se encontra em estado estático: além da movimentação dos meios de

transporte, observamos pessoas caminhando na rua e dentro de seus apartamentos realizando diversos movimentos, como dançar, limpar as janelas, tocar um trompete etc. A passagem do tempo acompanha o ritmo das pessoas e seus estilos de vida: “More often, though, they move quickly, so use your time well. It will be gone before you know it.” (“No entanto, com mais frequência, as coisas se movem rápido, então use bem o seu tempo. Elas passam em um piscar de olhos”).

Diante da leitura das páginas 24-25, 26-27 e 28-29, é possível compreender o poder de ação entre a aproximação dos enunciados visuais para o desenvolvimento da ideia de contraste. De acordo com Biazetto (2008, p.76) “Perceber é um processo tão dinâmico que uma mesma imagem vista e compreendida por um observador pode ter seu sentido alterado colocando uma outra imagem ao seu lado. A percepção de uma imagem de quem olha e do que está em seu entorno”. Desta forma, ao cortar horizontalmente as páginas duplas 24-25, aproximando as imagens que se contrastam por meio de um descer de olhos, percebemos explicitamente e estabelecemos o oposto dia/noite. O mesmo processo ocorre com a leitura das páginas 26-27 e 28-29, no entanto, o contraste estabelecido entre rápido/devagar ocorre por meio do virar de páginas e não descer de olhos. Colocadas em um distanciamento maior dentro do livro, as páginas poderiam ser lidas de forma independente, podendo provocar sentidos diferentes de leitura. Assim, o contraste só é percebido devido a aproximação das mesmas: o entorno trona-se responsável por suscitar no leitor o sentido pretendido pelo autor/ilustrador.

Ao prosseguirmos a leitura, o autor usa o recurso de afastamento/abertura de cena a fim de apresentar um panorama geral dos conceitos elencados. Admiramos, de fora, o céu, as estrelas, a lua, a terra, as águas, as montanhas, os prédios, as casas, os variados meios de transporte, as invenções tecnológicas etc. Neste momento, a fala do pai – enunciados verbais – convidam o bebê a refletir acerca da necessidade de nos posicionarmos perante o mundo e oferecer nossa voz a ele, nosso ato responsivo e responsável: “Though we have come a long way, we haven’t quite worked everything out, so there is plenty left for you to do. You will figure lots of things out for yourself. Just remember to leave notes for everyone else.” (“Apesar de já termos feito grande progresso, nós ainda não encontramos todas as respostas, então ainda há muitas coisas que você pode fazer. Você vai descobrir muitas coisas sozinho. Apenas lembre-se de deixar anotações para outras pessoas”). Em outras palavras, ao habitarmos o mundo, somos chamados a agir, nossa responsabilidade – tarefa – não pode ser feita por ninguém mais além de nós mesmos, isso é assumir responsabilmente nossos atos, é o não álibi da existência: somos banhados de palavras outras e, em troca, deixamos nossas palavras irem ao encontro daqueles que as buscam.

O afastamento/abertura de cena amplia-se ainda mais nas próximas páginas, 32-33. Neste instante, observamos o planeta Terra em sua totalidade, nosso olhar encontra-se voltado para sua extensão, porém, ainda é possível enxergar alguns objetos em sua superfície. Embora não estejamos avistando os habitantes, os enunciados escritos acrescentam tais dados à ideia de totalidade do planeta: “It looks big Earth. But there are lots of us on here (7.327.450.667 and counting) so be kind. There is enough for everyone.” – “A Terra parece grande. Mas existem muitos de nós morando aqui (7.327.450.667 até agora) então seja gentil. Existe o suficiente para todo mundo”.

Em seguida, páginas 34 e 35, nosso olhar se distancia novamente, avistamos a Terra em tamanho menor, logo, perdemos de vista os objetos outrora em sua superfície. Retornamos à posição de destaque do Universo e sua imensidão, porém, após toda reflexão suscitada durante o percurso, somos encorajados a observar a nossa “casa”, o quão afastado estamos de qualquer outro objeto, e não mais nos sentirmos sozinhos: temos uns aos outros para cuidar e sermos cuidados.

A frase iniciada na página 35, “Now, if you need to know anything else...” (“Agora, se precisar saber mais alguma coisa...”), conclui-se na próxima folha: “... just ask. I won’t be far away.” (“... é só perguntar, eu não estarei muito longe.”). Assim, a figura do pai e filho reaparecem na cena em close, a escuridão da noite contribui para realçar a figura dos dois. Não vemos mais um pai com o semblante preocupado, presenciando-o expressar um tranquilo sorriso ao ver o bebê dormindo em seus braços.

Entretanto, a história ainda não se fecha. Na página 37, em meio a vasta escuridão, lemos o início de outra frase, “And when I’m not around...” (“E quando eu não estiver por perto...”). Ao virarmos, procurando pela sua finalização, somos surpreendidos com a mudança abrupta de cor: saímos da completude da cor preta e nossos olhares recebem a luminosidade do branco.

De acordo com Oliveira (*apud* Cabral, 2021, p. 180) “A cor conta histórias, a cor não é um elemento assim decorativo no livro para colorir o livro. A cor é um elemento de drama, é um elo de drama do livro, a cor é como se fosse assim [...] um narrador silencioso [...] não diz nada, mas conta”. Logo, o fundo completamente branco destaca os grandes protagonistas da história do planeta, nós, os humanos. Colocando-nos na posição do bebê, somos acolhidos pelos olhares daqueles em pé: “... you can always ask someone else.” (“... você sempre poderá perguntar para outra pessoa”). O posicionamento das pessoas em fila contribui para a noção de continuidade, na qual sempre haverá um Outro a quem recorrer, um Outro a nos acolher. E, se não forem os nossos mais próximos – familiares e amigos -, há uma porção de pessoas, aproximadamente 7.327.463.97056, nos esperando para contribuir com suas vozes: “You’re never alone on Earth.” (“Você nunca está sozinho na Terra”). A utilização da técnica da profundidade em espaços coloca em cena, enfileirados, as infinitas possibilidades de Outros a quem podemos sair buscando por respostas, nos constituindo como seres sociais.

Assim, a cada relação de troca que estabeleço com o Outro, torno-me alguém para ele e ele para mim. Nos constituímos juntos, o processo de alteridade nos permite alterar quem somos e adquirirmos consciência acerca de nossa infinita construção social. Miotello (2018, p. 20) exemplifica a relação de constituição Outro-Eu com as seguintes palavras:

[...] a Bel é minha mulher, eu a constituo minha mulher, ela não é minha mulher porque nasceu minha mulher, mas quando eu casei com ela, ela ficou minha esposa, minha mulher, minha companheira, minha parceira. Quando os meus filhos fizeram um filho, na marra eu serei constituído avô. [...]. Eu sou professor, porque eu tenho alunos, se eu não tivesse alunos eu não seria professor. Se eu tivesse compradores, eu seria vendedor. Então, depende de com quem eu estou me relacionando, eu sou uma coisa ou outra coisa. E, a cada coisa, eu sou único: marido, pai, avô, professor, comprador, eu tenho mil caras, eu não tenho uma só. Mas cada uma dessas é a metade do outro e a metade minha, e o outro me constituiu.

Na última página, a citação da astronauta e especialista em física, Dra. Sally Ride, bem como a do pai de Oliver, fecham a narrativa e nos deixam duas belas mensagens, porém, necessitam suscitar a nós novos questionamentos: “Looking back and seeing your planet as a planet is just an amazing feeling. It’s a totally different perspective, and it makes you appreciate, actually, how fragile our existence is.” – “Olhar para trás e ver nosso planeta como um planeta é uma sensação incrível. Traz uma perspectiva totalmente diferente e, na verdade, nos faz apreciar quão frágil é nossa existência” (Dra. Sally Ride)¹¹. “There are only three words you need to live by, son: respect, consideration and tolerance.” – “Filho, existem apenas três palavras que precisam orientar sua vida: respeito, consideração e tolerância”. (Pai do Oliver, um bom ser humano, em todos os sentidos)¹². Quão generosos estamos sendo com nossa casa (planeta Terra)? Quão generosos estamos sendo com as diversas formas de vida? Estamos sendo tolerantes e amáveis com os diferentes povos, raças, religiões etc.? Estamos ensinando nossas crianças a serem também? Quais os legados que estamos deixando a estas? Estamos promovendo um lugar de valorização das diferentes vozes? Esses e tantas outros questionamentos fazem-nos repensar nosso lugar no presente e ter esperanças para o futuro.

A guarda final retoma a mesma ideia proposta pela inicial. O enunciado escrito (“How to find your way whenever you get lost” - Como se orientar sempre que estiver perdido) se repete no canto superior, porém, agora disposto na página à direita. Ao lado esquerdo encontramos a ilustração dos pontos Cruzeiro do Sul, Achernar, Guardiãs da Cruz e Polo Sul Celeste. A ilustração dos pontos

¹¹ Tradução nossa.

¹² Tradução nossa.

cardeais – norte, sul, leste e oeste – também reaparece, no entanto, a flecha nos direciona à posição Sul.

Palavras finais da conversação

Finalizamos o passeio, guiados pela perspectiva de Oliver, fechamos o livro, mas abrimos nossos olhos para assumir nosso lugar de fala. Diante das possibilidades infinitas de leitura da obra, lembrando que conversar é continuar a ler, para (trans)ver o mundo, já não podemos ser as mesmas pessoas que a iniciaram: se inocentes entramos, afetados devemos sair, isto é, somos responsáveis pelo mundo e sociedade que estamos criando, precisamos agir com consciência, declarar nosso lugar de fala e exercer nossa contrapalavra.

Referências

- ALMEIDA, T. de A. **Leituras do livro infantil ilustrado: a mediação inerente a livros premiados pela FNLIJ na categoria Criança**. 2016. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. URI: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-AR5GY4>
- BAJOUR, C. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. Alexandre Morales (Trad.). São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Paulo Bezerra (trad.). 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BIAZETTO, C. As cores na ilustração do livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de (org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008.
- CABRAL, G. de A. C. **A arquitetônica do ato de ilustrar de Rui de Oliveira: contribuições dos livros de imagem para a formação do pequeno leitor literário**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNESP, Marília-SP, 2020. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-314-4>
- GOMES, A. L. C. Da responsividade do agir. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe/UFSCar (org.). **Palavras e Contrapalavras: constituindo o sujeito em alter-ação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014 (vol. VI). p. 11-15.
- JEFFERS, Oliver. **Oliver Jeffers: the working mind and drawing hand**. Nova Iorque: Rizzoli, 2018.
- LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- MIOTELLO, V. **Por uma escuta responsiva: a alteridade como ponto de partida**. São Carlos: Pedro& João Editores, 2018.

MONTES, G. **Buscar indícios, construir sentidos**. Cícero Oliveira (tradução). Salvador: Selo Emília e Solisluna Editora, 2020.

OLIVEIRA, F. C. de. A consciência, a Alteridade e a Quinta Ferida Narcísica. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso –GEGe/UFSCar (org.). **Palavras e Contrapalavras**: constituindo o sujeito em alter-ação. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014 (vol.VI). p. 92-98.

QUEIRÓS, B. C. de. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. 2 ed. São Paulo: Global, 2019.

Recebido: 15/06/2024
Aceito: 26/11/2024

Received: 06/15/2024
Accepted: 11/26/2024

Recibido: 15/06/2024
Aceptado: 26/11/2024

